

Sheinbaum é 1ª presidente do México, diz boca de urna



Candidata do partido governista à Presidência do México, Claudia Sheinbaum chega a uma zona eleitoral da Cidade do México para votar. Daniel Secerri/Reuters

Claudia Sheinbaum é 1ª mulher eleita presidente do México, diz boca de urna

Em pleito marcado pela violência, herdeira de López Obrador fala em governo de continuidade

Mayara Paixão

CIDADE DO MÉXICO Claudia Sheinbaum vai suceder a Andrés Manuel López Obrador, seu padrinho político, e será a primeira mulher na história a governar o México, indicam pesquisas de boca de urna.

Levantamentos publicados pelo jornal El Financiero, pelo canal N+ e pela TV Azteca mostram que a governista derrotou a oposição nas urnas, ainda que não detalhem os números para seguir o regramento eleitoral e não se adiantar a informações oficiais.

Os resultados parciais contabilizados pelo Instituto Nacional Eleitoral (INE) começaram a ser publicados às 23h de Brasília (22h locais), e a apuração estava em menos de 1% até o fechamento desta edição.

O pleito consolidado neste domingo (2) foi marcado por alta violência em várias regiões e ao menos 37 aspirantes a cargos políticos assassinados desde o início do ano, segundo levantamento atualizado da organização independente Laboratório Eleitoral. Sheinbaum aparecia com larga vantagem na maior parte das pesquisas de intenção de voto. Ela herdou o capital político de AMLO, maneira

como o presidente é conhecido, ainda que seu carisma pessoal esteja muito distante do que goza o líder populista.

A provável próxima ocupante do Palácio Nacional terá desafios em diversas frentes. Na economia, vê-se diante de um momento-chave do nearshoring, a estratégia de aproximar a cadeia de produção do consumidor final, no caso os EUA, num movimento impulsionado pela Guerra Fria 2.0 de Washington com a China.

AMLO não desenvolveu um plano industrial, e uma interpretação comum é a de que houve "sorte conjuntural" para o México se tornar o principal exportador para os EUA. Agora, para analistas, é preciso uma política para o setor se manter no patamar atual.

No campo da segurança pública, Sheinbaum herda o cenário com mais homicídios da história mexicana, ainda que os números tenham caído ligeiramente no último ano. López Obrador apostou na militarização como saída. Mais do que isso, inflou o poder e a verbas militares, dando a eles o controle de aeroportos e de obras de infraestrutura. Até aqui, Sheinbaum indicou continuidade nesse sentido.

A própria campanha foi um

demonstrativo do poder dos cartéis do narcotráfico. O nível de violência política foirecorde, e mais de 200 centros de votação não puderam funcionar por temor de ataques.

A imigração, tema presente na relação com os EUA, ganhou peso diante do aumento do fluxo de quem tenta cruzar a fronteira e da maior repressão a esse movimento. Nunca antes o México prendeu tantos imigrantes — foram 481 mil de janeiro a abril deste ano, alta de 230% em relação ao mesmo período de 2023.

A provável eleita representa uma tríade de partidos da situação: Morena, uma das siglas mais jovens, fundada em 2011 por Obrador; o PT (Partido do Trabalho) e o PVEM (Partido Verde Ecologista).

A reeleição não é permitida no México, o que força a saída de AMLO do poder.

A vitória de Claudia representa um sonho não concretizado de nossas avós, disse o presidente do Morena, Mário Delgado. Denotando o perfil nacionalista de seu partido, seguiu: Derrotamos uma oposição classista, racista e corrupta que quer entregar o país aos monstros internacionais."

Claudia Sheinbaum derrotaria a ex-senadora Xóchitl Gálvez, indígena que se tornou uma empresária de sucesso e representava uma histórica coalizão de oposição formada pela tríade de partidos mais antigos do México: PRI, de 1929 e que governou ininterruptamente até 2000; PAN, de 1939; e PRD, de 1980.

Ainda que em sua plataforma de "Quarta Transformação", como foi apelidado o plano de governo, Sheinbaum promete uma gestão de continuidade — "levaremos ao segundo nível os avanços consagrados por AMLO", disse ao encerrar a campanha —, a analista Sofia Fuentes diz que a eleita deve operar um "governo descafeinado".

É uma referência à postura arredia de AMLO em alguns setores. Ele conduzia ataques à imprensa e a organizações sociais e operou um plano protecionista, notadamente na área energética, que tentou concentrar nas mãos de estatais.

Para Sofia Fuentes, da consultoria Prospectiva, Sheinbaum demonstra maior possibilidade de abertura privada, menos ataques opositores e maior investimento em infraestrutura para catapultar o nearshoring.

A grande dúvida sobre a nova gestão é sobre qual influência López Obrador terá no novo governo e se haverá um distanciamento entre padrinho e apadrinhada.

"A narrativa de Sheinbaum pode seguir semelhante à de AMLO, mas nos parece que o operacional tende a desviar um pouco", afirma.

Nem Sheinbaum nem Xóchitl empolgaram os movimentos de mulheres no país, para os quais seus planos de governo eram demasiado comedidos na agenda de gênero. O México tem altas taxas de violência contra a mulher.

Entre outras coisas, a candidata de López Obrador defende que o combate à violência doméstica seja feito com a retirada do agressor da casa da família e que haja um apoio financeiro mensal para mulheres de 60 a 64 anos, idade anterior à aposentadoria.

A votação ocorreu sob relativa tranquilidade em algumas regiões, como a capital, mas com casos de violência armada em outros. Longas filas eram observadas nas "casillas", os locais onde estavam instaladas as urnas e que, em média, tinham 750 eleitores registrados cada.

Mexicana é 8ª escolhida nas urnas na América Latina; veja lista

Violeta Chamorro, Nicarágua (1990-1997)
Derrotou o hoje ditador Daniel Ortega, que tem perseguido sua família. Ajudou a pavimentar a democracia no país.

Mireya Moscoso, Panamá (1999-2004)
Cafecultora, foi eleita com o capital político do marido, o ex-presidente Arnulfo Arias.

Michelle Bachelet, Chile (2006-2010; 2014-2018)
De esquerda, governou por dois mandatos intercalados. Depois, foi alta comissária da ONU para direitos humanos.

Cristina Kirchner, Argentina (2007-2015)
Sucedeu ao marido, Néstor Kirchner, e foi reeleita em 2011. Foi vice de Alberto Fernández. É a principal figura da política argentina viva atualmente.

Laura Chinchilla, Costa Rica (2010-2014)
Social-democrata, era contra o direito ao aborto e ao casamento do mesmo sexo.

Dilma Rousseff, Brasil (2011-2016)
Ex-ministra, foi reeleita em 2014, mas sofreu um impeachment que encurtoou seu governo em 2016.

Xiomara Castro, Honduras (2022 -)
Chegou ao poder com apoio do marido, o ex-presidente Manuel Zelaya, deposto por um golpe em 2009.

Raio-X do México



Área: 1.964.375 km² (mais que o dobro do Mato Grosso)

População: 129,4 milhões (cerca de 2/3 do Brasil)

PIB (nominal): US\$ 1,4 tri (ante US\$ 1,9 tri no Brasil)

PIB per capita: US\$ 23.900 (ante US\$ 17.822 no Brasil)*

IDH: 77ª posição no ranking de 193 países (Brasil é o 89º)*

* Com paridade de poder de compra. Fontes: CIA World Factbook, IBGE, ONU, Banco Mundial, Pnud.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Página: 12